

A GUERRA em 2014?

2.^a Parte

Acusações, Sanções e a Ameaça de uma III Guerra Mundial

As tensões neste momento são, portanto, extremas. Os Estados Unidos e a União Europeia acusam a Rússia de desestabilizar a Ucrânia, e impuseram diversas restrições aos seus bancos e empresas petrolíferas, assim como sanções económicas pessoais contra os oficiais russos mais importantes, em represália pela anexação da Crimeia. O Grupo dos Oito (G8), *forum* internacional dos principais países industrializados, respondeu à anexação expulsando a Rússia (que já era membro desde 1998) e mudando o nome novamente para G7; também a NATO suspendeu toda a cooperação prática com a Rússia, e está a enviar tropas para a fronteira da Ucrânia e navios porta-mísseis para o Mar Negro.



Manifestantes pró-Rússia atacam à vez os edifícios governamentais em Kharkiv, Donetsk, e Luhansk.

O Presidente Pútín, por seu turno, exige às nações da UE – por terem retirado a Ucrânia ao abraço económico Russo – que paguem agora a enorme dívida de gás que a Ucrânia contraiu com a Rússia, ou verão ser cortado o seu abastecimento de gás. O Ministro dos Negócios Estrangeiros de Moscovo, Sergey Lavrov, exigiu enfaticamente aos E.U.A. que “assumissem toda a responsabilidade por aqueles indivíduos que instalaram no poder e que estão a proteger, e [que] não fechassem os olhos aos ultrajes perpetrados por este regime e pelos combatentes que o sustentam.”¹⁶

Entretanto, no interior da Ucrânia – país que está à beira de um colapso económico – o debate parlamentar do novo Governo está literalmente a desintegrar-se, chegando ao ponto de os Parlamentares lutarem fisicamente entre si. No interior da cidade de Donetsk, as condições de vida, semelhantes a um cerco, são tão perigosas que os trabalhadores não podem ir para o seu local de trabalho, os bancos fecharam as portas e a economia local já entrou em falência.

Apesar das consequências desastrosas, tanto os governantes como os meios de comunicação social ocidentais são inflexíveis no seu propósito de ganharem a Ucrânia para o Ocidente, embora isso custe metade do Mundo – *a nossa metade!* Na avaliação de Paul Craig Roberts, lê-se: “[A] campanha de Washington no sentido de explorar toda e qualquer oportunidade para estabelecer a sua hegemonia sobre o Mundo inteiro está a levar-nos a todos em direcção a uma guerra nuclear.”¹⁷ E acrescenta, com sobriedade: “E uma III Grande Guerra seria a última guerra.”

Expansão da NATO para Leste atíça o Urso (1997-2014)

Desde os tempos da Administração Clinton que os E.U.A. têm tentado alargar a NATO praticamente até à fronteira da Rússia. Mas tal estratégia de incorporar na NATO as nações da Europa de Leste (incluindo a Polónia e as Nações Bálticas: Letónia, Lituânia e Estónia) não poderá produzir efeitos negativos contra o Ocidente? Já em 1997, Patrick Buchanan observava que esta tática estava a expor bastante a Ucrânia à pressão russa. “É claro” – dizia ele – “que a expansão da NATO já está a dividir a grande Aliança Ocidental, e corre-se mesmo o risco de ela a destruir.”¹⁸

Embora as tentativas prévias para incorporar a Ucrânia e a Geórgia na NATO não tenham sido bem-sucedidas, agora a discussão volta-se mais uma vez para o assunto.¹⁹ Tal anexação abriria a entrada ao estabelecimento de bases militares e de sistemas de mísseis, tanto dos E.U.A. como da NATO, perto das fronteiras da Rússia – ameaça estratégica que a Rússia nunca permitiria. Se a Ucrânia se juntar à NATO, é muito provável que os 40.000 militares Russos instalados perto da fronteira com a Ucrânia se ponham imediatamente em marcha – em direcção ao Ocidente.

Paul Craig Roberts coloca em perspectiva a ameaça de se poder provocar uma guerra com Rússia, por meio desta tentativa temerária de “conter a Rússia.”²⁰

“Obama está a exigir o aumento das tropas da NATO instaladas na Europa de Leste para ‘conter a Rússia’... [como se fosse preciso haver] uma concentração de forças militares perto das fronteiras da Rússia [para] garantir à Polónia e aos Estados Bálticos que eles, como membros da NATO, serão protegidos no caso de uma agressão russa. ...

“[Ninguém pode] dizer que efeito virá a ter sobre a Rússia uma concentração militar EUA/NATO e os numerosos jogos de guerra junto da fronteira russa. Será que o Governo Russo, chegando à conclusão de que a Rússia está sujeita a um ataque iminente, resolve, por isso, atacar

primeiro? É com descuidos imprudentes como estes de Obama que as guerras começam.”²¹

A expansão da NATO na Europa de Leste está a fazer com que a Rússia se imponha de novo na região, o que poderá atrair sobre nós um desastre inimaginável. A Aliança da NATO implica, para o Ocidente, *compromissos* de guerra, se acaso houver qualquer agitação nos territórios outrora russos. Se tivessem sido bem-sucedidos os esforços anteriores para incorporar a Ucrânia e a Geórgia na NATO, quase de certeza já teríamos tido a III Grande Guerra em 2008, quando a Geórgia invadiu a Ossétia do Sul; algo de semelhante se passa nos nossos dias, em que nos vemos comprometidos a lutar contra a Rússia por causa da Crimeia.

Em meados de Março, o Vice-Presidente Joe Biden viajou pela Letónia, Lituânia e Estónia, assegurando a cada uma daquelas pequenas Nações Bálticas que os E.U.A. mantêm, “solene” e “inabalavelmente”, o dever de honrar o nosso compromisso em seu favor, o que condiz com o Artigo Quinto do tratado da NATO – artigo esse que nos compromete a entrar em guerra contra a Rússia, se for violado o território de qualquer uma dessas nações.

Outro desafio flagrante à influência da Rússia sobre as nações com as quais tem fronteira veio a 1 de Abril de 2014, quando o Parlamento da Ucrânia aprovou uma série de exercícios militares conjuntos com as forças da NATO, que levarão as tropas dos E.U.A. a estar praticamente face a face com os soldados russos na Península da Crimeia. Na sua qualidade de “parceiro diferenciado” da NATO, a Ucrânia unir-se-á às Forças Armadas Americanas para exercícios no Mar Negro, e também se combinará com a Infantaria da Polónia, da Moldávia e da Roménia para outros exercícios.

Todas estas tensões estão a chegar a um ponto de apogeu na retórica de intercâmbio entre a Rússia e os poderes dos E.U.A./NATO sobre a decisão da Crimeia de se unir outra vez à Rússia. Para os Russos, pelo menos, essa atitude retórica não é um jogo. Dmitry Kiselyov, apresentador da TV oficial do Kremlin, respondeu à ameaça da intervenção Americana na Crimeia com uma sóbria advertência: **“A Rússia é... bem capaz de transformar os Estados Unidos em cinzas radioactivas!”**²²

Rússia – ao Ataque, ou ao Resgate?

A situação actual é já suficientemente aterrorizante; apesar disso, os políticos e os meios de comunicação social americanos parecem estar empenhados em a tornarem ainda pior, pretendendo, com uma ironia *orwelliana*, fazer acreditar que o Ocidente está a agir baseado nos motivos idealistas da liberdade e da democracia. Em Munique, o Secretário de Estado John Kerry declarou com afectação de virtude: “A luta por um futuro democrático para a Europa em lugar algum é hoje mais importante do que na Ucrânia.”²³

Sabemos com absoluta certeza que Viktor Yanukovich subiu ao poder em 2010 depois de uma eleição livre. – que foi monitorizada por observadores neutros de 22 nações. A sua legislatura iria durar até 2015. Apesar disso, o Ocidente aclama, como

sendo uma vitória para a democracia, a sua destituição totalmente anti-democrática, pela força de um motim. Pode imaginar-se com que pressa e brutalidade seria condenada e suprimida uma insurreição estilo-Kiev no relvado da Casa Branca. E interroga-se Patrick Buchanan:

“[C]omo reagiria Obama, se milhares de membros do ‘Partido do chá acampassem na Alameda, incendiassem o DNC, ocupassem o Capitólio e exigissem que Obama revogasse o *Obamacare* ou se demitisse?”²⁴



A 26 de Março de 2014, o Presidente Obama discursou durante mais de meia hora no Palácio das Belas Artes em Bruxelas, falando sobretudo sobre o conflito na Ucrânia. A alocução do Presidente culminou num apaixonado apelo aos aliados da NATO, para que eles “aceitem o desafio dos nossos ideais” na sua resposta à crise da Crimeia. Resta-nos a esperança de que os ouvintes do Presidente tenham percebido que ele estava apenas a atingir novas alturas dentro da sua irrelevante hipocrisia – E observa Paul Craig Roberts que ninguém aplaudiu aquela alocução insensata. Foto de Saul Loab, AFP

Mas na Ucrânia – onde a questão se centra no desejo de Washington de pôr bases militares da NATO próximo da fronteira com a Rússia e (tal como Paul Craig Roberts acredita) de impor um programa de austeridade do FMI que sirva como pretexto para os interesses financeiros ocidentais poderem saquear o país – é um assunto totalmente diferente. O novo Parlamento Revolucionário criou aquilo que Roberts denomina “um regime de ilegalidades”, em vez da lei e dos procedimentos constitucionais – tendo com isso retirado ilegalmente do seu cargo o Presidente eleito, emitido ilegalmente ordens judiciais para a detenção de funcionários legítimos do Governo, e libertado ilegalmente criminosos da prisão.

“O [novo] Parlamento Ucrainiano é responsável, em si mesmo, pela destruição da democracia na Ucrânia. ...Hoje, o Presidente

Yanukovych, ilegalmente deposto, está em fuga. Será que amanhã é a vez de o actual Presidente Oleksander Turchinov fugir – ele, que foi posto no cargo pelos moderados e não pelo povo? Se uma eleição democrática não transmitiu legitimidade ao Presidente Yanukovych, como poderá uma escolha feita por um Parlamento arrivista transmitir legitimidade a Turchinov? O que poderá responder Turchinov se os neo-Nazis lhe fizerem a mesma pergunta que Lenine fez a Kerensky: “-Quem te elegeu a ti?”²⁵

Tão Hipócrita que é Risível

A terrível realidade que há por detrás desta hipocrisia ridícula dos Governos e dos meios de comunicação social ocidentais é que a sua retórica está a levar o Ocidente em direcção à ruína completa, e o Mundo inteiro em direcção a uma guerra. Roberts explica-o sucintamente:

“O [mesmo] guião ... foi distribuído a todos os fantoches de Washington, e em todo o Ocidente a mensagem é a mesma. ‘Pútín invadiu e anexou a Crimeia, Pútín está empenhado em reconstruir o Império Soviético, Pútín deve ser detido’. ...[A] mentira – claríssima, aliás – de que a Rússia enviara um exército para a Ucrânia e anexara a Crimeia é agora aceite como um facto real por todo o Ocidente, mesmo entre os críticos da política americana relativamente à Rússia.

“Obama declarou recentemente que a destruição do Iraque por Washington – com mais de um milhão de baixas, quatro milhões de desalojados, infraestruturas em ruínas, violência sectária a explodir, um país totalmente em ruínas – não é tão mau como a aceitação, por parte da Rússia, da auto-determinação da Crimeia. Com efeito, o Secretário de Estado Americano John Kerry ordenou a Pútín que evitasse o referendo e impedisse o povo da Crimeia de exercer a sua auto-determinação.

“A alocução de Obama²⁶ – a 26 de Março, no Palácio das Belas Artes em Bruxelas – é surrealista. Vai além da hipocrisia. Diz Obama que os ideais de Ocidente estão a ser desafiados pela auto-determinação da Crimeia. A Rússia – afirma Obama – deve ser punida pelo Ocidente por ter permitido que o povo da Crimeia exercesse a sua auto-determinação. O regresso, por vontade própria, de uma província russa ao seu País Materno – de que anteriormente fizera parte ao longo de 200 anos – é interpretado por Obama como um acto anti-democrático e de uma tirania ditatorial.

“Eis aquele Obama, cuja Administração derrubou recentemente o Governo democraticamente eleito da Ucrânia, e o substituiu por sequazes designados por Washington em lugar do Governo eleito, a falar do sagrado ideal de ‘os Povos poderem elaborar a suas próprias decisões sobre o futuro.’ É isto, precisamente, o que a Crimeia fez, e que,

precisamente, o golpe de estado americano em Kiev contrapôs. Na mente retorcida de Obama, a auto-determinação consiste nos Governos impostos por Washington. ...

“Washington é o Governo que, com base em mentiras, invadiu e destruiu o Afeganistão e o Iraque. Washington é o Governo que financiou e organizou a queda dos Governos da Líbia e das Honduras, e que, actualmente, está a tentar fazer o mesmo na Síria e na Venezuela.



O Kremlin declara a sua disponibilidade para proteger a população de etnia russa da Ucrânia Oriental. Dezenas de milhares de tropas – com centenas de tanques, aviões e artilharia pesada – têm sido convocadas para a Fronteira Russo-Ucraniana.

Washington é o Governo que ataca com projecteis e bombas teleguiadas as populações de países soberanos como o Paquistão e o Iémen. Washington é o Governo que tem tropas pelos quatro cantos de África. Washington é o Governo que cercou de bases militares a Rússia, a China e o Irão. E é esse grupo belicista de criminosos de guerra de Washington que pretende agora apoiar ideais internacionais contra a Rússia.

“Ninguém aplaudiu a alocução insensata de Obama. Mas o facto de a Europa aceitar, sem protestos, as mentiras tão flagrantes de semelhante mentiroso, dá um maior ímpeto rumo à guerra que Washington está a incitar.²⁷

Sanções Económicas – um Motivo para Matar o Dólar Americano

Denunciando a ocupação militar da Crimeia pela Rússia como “um descarado acto de agressão armada”, *The Washington Post* insta os Governantes Ocidentais a que

apresentem ao Presidente Pútin um ultimato: “-Ou se retira da Crimeia, ou imporemos sanções económicas que “afundarão o sistema financeiro [russo]”.²⁸ Na verdade, a NATO e os E.U.A. já puseram em prática sanções económicas contra a Rússia. Mas Buchanan avisa que tais sanções são uma espada de dois gumes:

“Apesar de nós e a UE podermos dar cabo da economia da Rússia e derrubar os seus bancos, seriam sensatas tais medidas? E o que aconteceria se Moscovo respondesse cortando créditos para a Ucrânia, cobrando as dívidas de Kiev, rejeitando a compra dos seus bens, e aumentando o preço do petróleo e do gás?”²⁹

Com efeito, pode ser que não sejam só a Ucrânia e a Europa a sofrer com a imprudente imposição de sanções americanas. O facto de se usar o dólar americano (“moeda da reserva mundial”, em que se fazem as principais transacções através do Mundo) para tyrannizar outras nações, fazendo-as concordar com os interesses da América, poderá também produzir efeitos negativos para os E.U.A. Explica Paul Craig Roberts:

“Há duas pressões sobre o dólar americano que estão a aumentar. Uma delas vem da capacidade (que está em declínio) da Reserva Federal para manipular o preço do ouro, enquanto diminuem as reservas de ouro ocidentais, e se vai difundindo no mercado o conhecimento da manipulação ilegal do seu preço. É inequívoca a evidência de enormes quantidades de saldos a descoberto que são lançados no mercado em papel-ouro, às horas em que há escassez no comércio. Tornou-se óbvio que o preço do ouro está a ser manipulado no mercado a prazo, para proteger o valor do dólar contra a QE [impressão de dinheiro irresponsável].

“A outra pressão vem das ameaças insensatas, feitas pelo regime de Obama, de sanções económicas contra a Rússia. Outros países já não querem tolerar o abuso de Washington quanto ao uso da norma mundial do dólar. Washington usa o sistema de pagamentos internacionais com base no dólar para infligir danos à economia dos países que resistem à hegemonia política de Washington.

“A Rússia e a China estão fartas...[e] estão a desligar do dólar o seu comércio internacional. Doravante, a Rússia tratará do seu comércio, inclusive da venda à Europa de petróleo e de gás natural, em rublos e nas moedas dos seus associados BRICS.³⁰ Isso significa uma grande baixa na procura de dólares americanos, e a sua consequente desvalorização. ...

“[Está a tornar-se cada vez mais] evidente para todos os Governos que Washington usa o sistema de pagamentos internacionais com base no dólar como um meio de controle. Porque haverão os outros países de aceitar um sistema de pagamentos internacionais que viola a sua

soberania? O que aconteceria se, em vez de aceitarem passivamente o dólar como meio de remuneração internacional, os outros países deixassem, simplesmente, este sistema do dólar? O valor do dólar cairia, tal como o poder de Washington. Sem o poder que o dólar, na sua qualidade de moeda da reserva mundial, dá aos E.U.A. – para pagar as despesas de impressão de mais dinheiro – os E.U.A. não poderiam manter a sua postura militar agressiva nem os seus subornos a Governos estrangeiros para fazerem a sua vontade. Washington converter-se-ia, apenas, noutra império falhado, cuja população mal consegue fazer face às despesas...

“É só uma questão de tempo até que se reconheça universalmente que os E.U.A. são um estado à beira da falência. Rezemos para que isto ocorra antes de os arrogantes habitantes de Washington destruírem o Mundo, na busca de uma hegemonia sobre os outros países.”³¹

Os “Erros da Rússia” São Agora Mais Nossos Que da Rússia?

Não devemos deixar de salientar uma ironia surpreendente que está a acontecer por causa desta confrontação entre os E.U.A. e a Rússia – ou seja: que os erros da Rússia parecem ter finalmente chegado a casa, ou seja ... **a nós!** Primeiro, a Rússia Bolchevique institucionalizou dentro das suas fronteiras, e depois exportou pelo mundo inteiro, uma imensa coleção de perversões morais, incluindo a legalização da pornografia, da contraceção, do aborto e do divórcio. Estes erros, do mesmo modo que a homossexualidade, foram promovidos sistemática e activamente pela Rússia durante décadas através da Europa Ocidental e dos Estados Unidos – cuja corrupção foi vista como um primeiro passo necessário para a conquista da Sociedade Ocidental, em prol da Revolução Comunista Universal.

O fedor da corrupção do Ocidente parece ter já satisfeito suficientemente aqueles que orquestraram a grande queda da nossa Sociedade outrora Cristã. Caímos tanto, com efeito, que a própria Rússia pode afirmar uma superioridade moral (comparativamente falando), ao censurar o Ocidente pela sua decadência aparentemente maior. A Rússia, o Urso – o *monstro*, cuja brutalidade e atrocidades contra a Hungria em 1956 e contra a Checoslováquia em 1968 nunca se esquecerão, pode hoje ser desculpada mais ou menos facilmente pelo seu comportamento na Crimeia (onde mal se disparou um tiro na expulsão, da Península, das Forças Militares Ucrainianas, e onde os interesses *vitais* da Rússia têm sido ameaçados pelo Ocidente, na procura temerária dos seus próprios interesses *estratégicos*).

O próprio Presidente Pútin – cuja conduta em público demonstra auto-disciplina e um austero senso comum – contrapõe-se totalmente aos desgraçados Presidentes Americanos dos anos recentes: desde os descarados adultérios do desertor Bill Clinton até ao belicista (praticamente) confesso³² George W. Bush, e à imoralidade desavergonhada e abusiva exemplificada por Barack Obama.

São as políticas sem Deus tanto internas como externas dos Estados Unidos que têm vindo a configurar, já desde há muito, a imagem da América aos olhos do resto do Mundo. Pesquisas de opinião internacionais revelam, de forma coerente, o sentimento popular crescente de que os Estados Unidos são, hoje em dia, a maior ameaça contra a paz no Mundo.³³ A determinação do Presidente Obama de lançar uma campanha militar contra a Síria em Setembro do ano passado é disso um bom exemplo para o Presidente Pútin – que observou, correctamente, que são os E.U.A. quem está a levar o Mundo em direcção a um desastre, pela sua noção de excepcionalismo e pelas suas intervenções militares não autorizadas nas outras nações:

“Desde o início que a Rússia tem aconselhado o diálogo pacífico, possibilitando que os Sírios desenvolvam um programa de compromisso para o seu próprio futuro. Não estamos a proteger o Governo Sírio, mas sim a Lei Internacional. É necessário que usemos o Conselho de Segurança das Nações Unidas e que acreditemos que conservar a Lei e a ordem no Mundo complexo e turbulento dos nossos dias é um dos poucos modos de impedir que as relações internacionais se deterioreem até ao caos. A Lei ainda é a Lei, e temos que lhe obedecer quer queiramos quer não. À luz da actual Lei Internacional, o uso da força só é permitido em caso de auto-defesa ou por decisão do Conselho de Segurança. Tudo o mais é inadmissível à luz da Carta das Nações Unidas, e constituiria um acto de agressão.*...

“E alarmante que a intervenção militar nos conflitos internos de outros países seja normal para os Estados Unidos. Será isso favorável, a longo prazo, aos interesses americanos? Duvido muito! Cada vez mais, pelo Mundo inteiro, há milhões de pessoas que vêm na América não um modelo de democracia, mas sim um país que se apoia unicamente na força bruta, improvisando alianças sob o *slogan* ‘Ou vocês estão connosco ou estão contra nós’.

“Mas a força tem sido ineficaz e inútil. O Afeganistão está a cambalear, e ninguém sabe o que se passará depois de se retirarem as Forças Internacionais. A Líbia está dividida em tribos e clãs. No Iraque continua a guerra civil, com dúzias de baixas a cada dia. Nos Estados Unidos, muitos fazem uma analogia entre o Iraque e a Síria, e perguntam-se por que motivo quereria o seu Governo repetir erros recentes.

“Não importa se são mais cerrados os alvos dos ataques ou se as armas são sofisticadas, que as baixas civis são inevitáveis, inclusive as de idosos e crianças – a quem, precisamente, esses ataques teriam a intenção de proteger.

“O Mundo reage, dizendo: se não podemos confiar na Lei Internacional [entenda-se: para restringir a agressão e a ingerência americanas], então temos de encontrar outros modos de garantir a nossa

segurança. Por isso é que um número cada vez maior de países procura adquirir armas de destruição em massa. É uma coisa lógica: a quem tem a bomba, ninguém lhe toca. Deixam-nos com palavras sobre a necessidade de se fortalecer a não-proliferação, quando na realidade ela está a ser corroída.

“Devemos deter o uso da linguagem da força e voltar ao caminho da resolução política, diplomática e civilizada. ...

“Estudei cuidadosamente a alocução [do Presidente Obama] à nação, na Terça-feira. E não concordo com a sua afirmação sobre a excepcionalidade Americana, quando ele afirma que a Política Americana é ‘o que faz a América diferente. É o que nos faz excepcionais’. É extremamente perigoso encorajar as pessoas a verem-se como excepcionais, seja qual for o motivo. Há países grandes e países pequenos, ricos e pobres... Somos todos diferentes; mas, quando pedimos as bênçãos do Senhor, não devemos esquecer-nos de que Deus nos criou iguais.”³⁴

Uma semana depois, a 19 de Setembro de 2013, o Presidente Pútín proferiu uma alocução ainda mais acutilante no *Forum Valdai*, na Rússia, dirigindo-se a um público internacional,:

“Outra ameaça grave para a identidade da Rússia está ligada aos acontecimentos que estão a ocorrer no Mundo. Há aqui aspectos tanto da política de relações exteriores como da moral. Podemos ver que muitos dos países euro-atlânticos estão, na verdade, a rejeitar as suas raízes, inclusive os Valores Cristãos, que constituem os fundamentos da Civilização Ocidental. Estão a renegar os princípios morais e todas as identidades tradicionais: nacionais, culturais, religiosas, e até sexuais. Estão a implementar políticas que igualam as grandes famílias às duplas do mesmo sexo, a crença em Deus à crença em Satanás.

“Os excessos do ‘politicamente correcto’ atingiram um ponto em que as pessoas falam, com seriedade, em se inscreverem em partidos políticos cujo objectivo é promover a pedofilia. Há pessoas, em muitos países europeus, que têm vergonha ou medo de falar sobre as suas crenças religiosas. Suprimem-se dias de festividades, ou passam a designar-se de um modo diferente; a sua essência fica escondida, assim como os seus fundamentos morais. E há pessoas a tentarem, agressivamente, exportar este modelo para o Mundo inteiro. Estou convencido de que isto abre um caminho directo para a degradação e o primitivismo, dando lugar a uma profunda crise moral e demográfica.

“Que outra coisa – a não ser a perda da capacidade de se reproduzir – poderia ser mais reveladora, e a maior prova da crise moral com que se depara uma sociedade humana? Nos nossos dias, quase todas as nações desenvolvidas já não podem reproduzir-se, nem mesmo com a

ajuda da migração. Sem os valores enraizados no Cristianismo e noutras religiões do Mundo e sem as normas da moralidade que tomaram forma ao longo dos milénios, as pessoas perderão, inevitavelmente, a sua dignidade humana. Nós consideramos que o natural e correcto é defender esses valores.”³⁵



O Presidente Vladimir Pútin censura a Sociedade Ocidental pelas suas perversões morais e pelo abandono da sua herança.

Não são palavras vazias (apesar de virem de um homem em actual processo de divórcio). Em 2013, o Kremlin promulgou legislação que proíbe os abortos depois das 12 semanas, e também toda a propaganda pró-aborto, que criminaliza também a propaganda homossexual, e que protege os crentes religiosos de insultos sacrílegos. Patrick Buchanan pergunta:

“-Que está a acontecer aqui? ... Na nova guerra de crenças, é Pútin quem diz que é a Rússia que está em prol de Deus. O Ocidente é Gomorra. ...

“Na guerra cultural para o futuro da Humanidade, é Pútin quem planta firmemente a bandeira da Rússia do lado do Cristianismo tradicional. ...Ele aproveita-se também da resistência e da repulsa que o Mundo inteiro sente perante o enxurro latrinário daquela revolução hedonista, secular e socialista que flui vindo do Ocidente... O papel da Rússia, nas palavras de Pútin, é ‘impedir o movimento de refluxo descendente, em direcção às trevas caóticas, e o retrocesso a um estado primitivo’...

“É Pútin quem afirma que a nova batalha ideológica é entre um Ocidente libertino dirigido pelos Estados Unidos, e um Mundo tradicionalista [que] a Rússia teria orgulho em liderar.”³⁶